

HOMENAGEM A GUILHERME

CMP 2.3.7. 19

Conceição Arruda TOLEDO

(Palestra pronunciada no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, ao ensejo da Semana Guilherme de Almeida)

III

A essa altura, considerado já um dos grandes poetas do Brasil, publicando crônicas sociais e crítica cinematográfica no jornal "O Estado de S. Paulo", sob o pseudônimo de "Guy", seu nome atingiu em cheio o mundo feminino de então, sua popularidade alastrou-se como um rastilho de pólvora, e passou a ser assediado, onde quer que aparecesse, pelos pedidos de autógrafos das afoitas mocinhas. Nessa época, começaram a chegar do Rio de Janeiro misteriosas cartas, muito bem redigidas em francês, com elegante caligrafia feminina, assinadas com pseudônimos diferentes, trazendo a posta-restante da agência postal da Rua da Passagem, para onde deveria enviar resposta.

Guilherme entusiasmou-se com as missivas. Como seria a personagem que lhe escrevia de maneira tão desvanecedora? Seria loura ou morena? Alta ou baixa? Haveria de ser linda!...

Nesse estado emocional, devem ter-lhe voltado à mente aqueles versos de "Nós":

Eu não sei quem tu és. Sonhei-te linda,
amei-te em sonho e vivo neste sonho.
Para encontrar-te, numa dor infinda
pus-me a caminho, pálido e tristonho.
Tu não sabes quem sou. Sonhas-me ainda
a alma triste dos versos que componho.
E, suspirando pela minha vinda,
pulsa, em teu peito, o coração risonho.

Sem vacilar, Guilherme passou a responder às cartas e durante meses, viveu em ansiosa expectativa, dando largas à imaginação, sonhando com o dia em que a encontraria pessoalmente, quando, por acaso, descobriu-lhe o nome, na coluna social da "Gazeta de Notícias": Belkiss. Era filha do engenheiro Zózimo Barroso do Amaral; nascera em Quixadá, no Estado do Ceará; fora educada em Paris e regressara há pouco ao Brasil; tendo lido seus versos influenciada por uma amiga, se entusiasmara tanto que resolvera iniciar a correspondência que atingiu a quase 200 cartas em um ano!

Guilherme foi ao Rio para conhecê-la. Marcaram encontro no Pavilhão da Inglaterra. Ele levou um livro e ela uma flor, para facilitar a identificação.

A distância, discretamente, identificaram-se sem trocar uma única palavra!

Ficaram noivos a 16 de abril de 1923 e se casaram a 3 de setembro do mesmo ano.

A última carta para Baby, quando noivos, escreveu-a Guilherme, na véspera do casamento:

Meu amor
Tu virás, daqui a pouco, comigo,
sonhar num mesmo ninho o mesmo sonho antigo
que foi a fé, que foi a luz, que foi a glória
da nossa história.

Pensa um pouco: a nossa história!
Lembras-te? Era uma vez um poeta, uma
[mulher,
uma carta sem nome, um destino qualquer,
um endereço vago... E o Acaso, o deus hu-
[mano!

Uma amizade singular de quase um ano,
entre um desconhecido e uma desconhecida,
tão distante no mundo e apertados na vida!
Eram cartas a vir e cartas a partir...
E os dias a passar, e os meses a fugir,
numa conversa distanciada e silenciosa,
como, na sua eterna amizade amorosa,
conversam, através de milhas e de milhas,
os astros, os faróis, as árvores e as ilhas...
E afinal, uma vez, uma viagem: e os dois,
face a face, num chá banal... Depois...
[Depois,

o amor, o velho amor, a velha coisa linda
que apesar de ser velha ainda é dos moços,
[ainda
é a grande, a emocional, a única novidade
nova, porque não tem nem nunca teve idade...
Um dia, sem querer, pensei em ser feuz
e escrevi num papel: "Minha noiva"... E Deus

[quis
que essa palavra branca ecoasse longamente
em tua alma... E ecoou tão longa e tão in-
[tensamente
que o seu eco voltou de novo aos meus ouvi-
[dos:
"Meu noivo"... — E, desde então, ficamos

[confundidos
de joelhos, de mãos postas, crentes, a rezar
diante da vida como diante de um altar...
Noivos! No nosso mundo familiar, as horas
sucederam-se, então, cheias de alma, sonoras
de soluções de amor, de beijos, de sorrisos,
e alegres, loucas como uma chuva de guizos...
Hoje, estás toda branca a meu lado. E o teu
[véu

de tule silencioso é um pedaço do céu
que se abrirá para nós dois nesse universo
pequeno e fácil de decorar como um verso...
Tons fanados, sedas antigas, almofadas,
cristais, longos tapetes, lâmpadas veladas
de gaze... O mundo pequenino, que é maior
do que esse outro, que fica além daquele "sto-
[re",

em que o dia há de vir, inutilmente, cada
manhã, bater a asa de sol da madrugada...

Mas — ah! — nesse futuro uma coisa me in-
[quieta,
me entristece, me abate: é que o teu noivo é
[um poeta.

Daí em diante sua musa acompanhou-o sempre, inclusive nas andanças pelas capitais brasileiras, como pregador das fórmulas renovadoras de expressão.

Em 1924, publicou "A Frauta que eu perdi".
Em 1925, primeiramente, "Raça", no qual impri-

miu aquela brasilidade apregoadada por ele, quando cavaleiro andante do modernismo. A seguir, publicou "Meu", que é uma amostra do classicismo modernista. Segundo Agripino Grieco, Guilherme de Almeida, em seus dois últimos livros, "Raça" e "Meu", deu o cheiro do Brasil, o gosto da carne de nossas frutas, a catanga afrodisíaca do nosso mormaço.

Em 1925, publicou ainda "Encantamento", premiado pela Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1930, ocupando a cadeira n.º 15, que pertencera antes a Amadeu Amaral, Olavo Bilac e Gonçalves Dias.

Em 1928, fora eleito já para a cadeira n.º 22 da Academia Paulista de Letras. A emoção aqui, fora bem menor do que a que sentira ao parlamentar-se para os cerimoniais da Academia Brasileira de Letras. Ele mesmo rememora o fato:

"A amável tortura dentro do fardão novinho signé Almeida Nogueira (o alfaiate dos acadêmicos), com aquela complicação de luvas, chapéu bicórnio, capa e espadim. A espera, sozinho, e arfante, na saleta dos fundos, junto ao terraço. A chegada da comissão dos três — Alberto de Oliveira, Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque — encarregada de introduzir-me no recinto. A garganta seca e o pavor. Mas, súbito, olhando do terraço o céu maravilhoso, uma estrela cadente: e a superstição do voto formulado. Daí, o passo firme, a entrada segura no salão suntuoso, a leitura calma do discurso. E a resposta de Olegário — tão amigo!

E começou a imortalidade."

Em 1930 publicou "Você" e em 1931, "Carta a minha noiva". Em 1932, envolveu-se no movimento constitucionalista de S. Paulo, combateu no "front", redigiu o Jornal da Trincheira, escreveu os mais belos poemas épicos que S. Paulo já inspirou, sofreu na alma e na carne a derrota de S. Paulo, foi exilado na Europa, mas conservou intacto, inconfundível e inabalável seu amor, e sua crença na terra paulista, espeznhada e humilhada, mas ativa e justa.

E Guilherme fez a sua profissão de fé:

Creio em S. Paulo todo-poderoso,
criador, para mim, de um céu na terra;
e num Ideal Paulista, um só glorioso,
nosso senhor na paz como na guerra,
o qual foi concebido nas "bandeiras",
nasceu da virgem alma das trincheiras
padeceu sob o jugo de invasores;
crucificado, morto, sepultado,
desceu ao vil inferno dos traidores,
mas para, um dia, ressurgir dos mortos,
subir ao nosso céu e estar sentado
à direita do Apóstolo Soldado,
julgando a todos nós, vivos ou mortos.
Creio no pavilhão das treze listas,
na santa união de todos os Paulistas,
na comunhão da Raça adolescente,
na remissão final da nossa gente,
numa ressurreição do nosso bem
na vida eterna de S. Paulo. Amem.

"Arquivo Popular" 27-V-1972